

Associação Brasileira de Antropologia
Prêmio Claude Lévi-Strauss – Modalidade B

NATHAN LIMA VIRGÍLIO

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

É muito bicho pra perseguir”. Peleja e comunicação entre criaturas no
Góes-CE

Prof. Dra. Antonádia Monteiro Borges.

Lattes Nathan Virgílio: <http://lattes.cnpq.br/8472626908810146>
Lattes Antonádia Borges: <http://lattes.cnpq.br/2699955351343721>

A comunidade rural do Góes está localizada na microrregião do Ipu, sertão cearense, sendo uma das muitas comunidades rurais pertencentes ao município de Ipueiras-CE. O Góes formou-se na beira da estrada que liga as cidades de Nova Russas e Ipueiras, acompanhando por aproximadamente dois quilômetros uma pequena e intermitente afluyente que desemboca no rio Acaraú. Em março de 2014, viajei a essa comunidade, onde fiquei em uma das pouco mais de setenta casas, onde vivem famílias que tiram seu sustento de aposentados, do cultivo de legumes e criação de gado, cabras, porcos e galinhas. Além disso, uma pequena parcela dos moradores do Góes trabalha no setor de serviços em distritos da cidade de Ipueiras, ou vendendo, em cidades da região, excedentes do que produzem em seus roçados.

Ao pôr os pés no Góes, com a intenção de desenvolver um trabalho de campo, de onde tiraria o material que me permitiria desenvolver minha monografia de graduação, não estava pisando em solo desconhecido. Ali, vivem muitos de meus parentes, incluindo minha avó e avô materno; ali, passei muitos finais de semana e feriados, brincando no terreiro da casa de meus avós, em seu roçado e no “rio do Góes”, como é chamado a afluyente. Esses finais de semana e feriados no Góes se estenderam até meus dezenove anos de idade, quando deixei Crateús-CE, onde morava, para estudar na Universidade de Brasília.

Dessa experiência prévia do Góes, desenvolvi um projeto de pesquisa que me permitiu caminhar em direção a temas, expectativas e à casa de meus avós. No entanto, já em campo, os caminhos que percorri se mostraram outros. Manhãs se passaram, enquanto eu conversava com meu avô, Seu Expedito, sobre o feijão, o milho que precisava ser “quebrado”, as cabras, a chuva, o tempo. Ocasões se multiplicaram, onde eu tinha que dar conta das tarefas de ajudante de minha avó, Dona Gonçalves, no trato de animais, desde procedimentos cirúrgicos até dar comida a cabras, porcos, galinhas, entre outros bichos. No final das contas, meus diários de campo foram isso: conversas, tarefas, convívio com e entre animais, parentes, plantas e legumes. E minha monografia acabou sendo desenhada sobre relações de cultivo e manutenção da vida¹.

Mais precisamente, aquela foi uma monografia sobre o convívio diário entre meus avós e parentes com suas criações, legumes e uma diversidade de outras *criaturas*, conceito que será explicado mais tarde. E a principal razão de ser desse convívio era o cultivo e manutenção da vida de todas aquelas criaturas, isto é, cabras, galinhas, meus avós, parentes, porcos, legumes que, ao produzirem vida, tinham suas vidas reproduzidas. Todas essas criaturas, ao se relacionarem, recebiam vida em troca de vida.

¹ Essa monografia, orientada pela professora e doutora, Antonádia Borges, foi apresentada em novembro de 2014, no Dep. de Antropologia da Universidade de Brasília, com o título: “Esses bichos sugam a vida da gente”. Relações de criação e cultivo da vida no Góes-CE.

Para o presente artigo, tomaremos dois temas que perpassaram toda aquela monografia, mas que, no entanto, não foram tomados como ponto central de análise. O primeiro desses temas é a *peleja*. O segundo é a *comunicação entre criaturas*. Assim, nas linhas que se seguem, entrando em contato com a *peleja* entre meus avós, suas criações e legumes, seremos sugados para seu ambiente de convívio, tendo com isso a percepção de alguns dos aspectos que envolvem a comunicação nesse ambiente. Como veremos, tal comunicação é capaz de reverter sobre aqueles que a promovem, significando e resignificando tanto a eles próprios, quanto seu ambiente de convívio.

1. A PELEJA

Mais ou menos uma semana após eu ter chegado à casa de meus avós, estávamos, meu avô, minha tia, Tia Maria - irmã de minha mãe - e eu sentados no alpendre de sua casa, no final de uma tarde muito quente e seca. Tia Maria morava com seu marido, Evandro, em uma casa vizinha a da minha avó. Sua única filha, Gleixa, já casada, vivia em um distrito de Ipueiras, chamado Charito. Enquanto esperávamos o café ficar pronto, conversávamos sobre vários temas. Dentre eles, o de como os bacorinhos – filhotes de porca – precisavam aprender a se alimentar sozinhos, para além do leite de sua mãe. Segundo meu avô, os bacorinhos “*veem a porca comer desde cedo e quando eles veem que a porca não tem leite para sustentar eles, eles começam a comer é cedo.*”. Após tia Maria servir o café, meu avô, sentado em uma cadeira de tira, com um chiqueirador na mão e seu chapéu de palha na cabeça, começou a falar de um pássaro chamado *coan*:

- É... o povo diz que essa coan velha advinha chuva. Quando é no verão, quando elas cantam antes do sol sair, pode se preparar que o céu se nevoa. Quando não chove, fica nevoado. Hoje eu fui dar uma volta por acolá e aí, quando eu cheguei bem ali, elas começaram a cantar.

- Mas não tinha saído o sol ainda não? Perguntou a tia Maria, que estava sentada em uma cadeira de tira, logo ao lado de meu avô.

- Tinha não...

- O que é? É um passarinho? Perguntei eu, que estava sentado sobre o peitoril do alpendre, com uma xícara de café na mão.

- É, é a coan – respondeu meu avô.

- A Maria Gangão disse foi assim: vixe, Maria, quando aquelas bichas velhas estão cantando, morre gente. Ela disse que a coan, no tempo que a Antônia Panela morreu, a bicha velha – a coan – estava lá encima: *carracova, carracova*. Disse que quando a bicha velha canta, faz é agourar. Eu acho é feio o canto dela.

Como podemos ver, o canto da *coan*, tomado aqui como exemplo de comunicação entre *criaturas*, pode ser significado de diferentes maneiras por meus avós e outros moradores do Góes, tendo em vista o conjunto de relações que são levadas em conta para tanto, assim como o lugar e o tempo em que o canto é proferido. Não obstante, a *coan* é apenas uma dentre muitas das *criaturas* com as quais meus avós e os moradores do Góes entram em contato diariamente, em atividades que vão desde a colheita de milho e feijão, na época do inverno, até a alimentação e busca de água para dar para as criações no verão.

Cada uma dessas *criaturas* é dotada de exigências próprias, cruciais a sua sobrevivência, desde alimentação até possibilidades de serem curadas diante de alguma enfermidade. *Criaturas* são resultados e resultam na criação de outros corpos, de outras *criaturas*, de *criaturas* em contato. Um dos relatos expostos em minha monografia deixará mais claro um dos mais importantes aspectos com relação às *criaturas*, isto é, a criatura como resultado de criaturas em contato.

O relato é sobre um parto complicado de um cabrito. Sua mãe, que era uma das cabras da tia Maria, segundo minha avó, já estava sofrendo havia três dias, não conseguindo parir o filhote. Diante disso, Paulinho – genro de minha tia Maria – Evandro e um vizinho de meus avós resolveram fazer o parto do animal, no próprio quintal da tia Maria. De início, puseram a cabra deitada de lado, no chão mesmo, mas como viram que o parto seria muito mais complicado do que imaginavam, resolveram deitá-la sobre um tambor de ferro, que era usualmente utilizado para depósito de milho. Enquanto Evandro segurava as patas dianteiras e o chifre da cabra, o vizinho segurava as traseiras. Paulinho, por sua vez, tentava retirar o cabrito de dentro dela. Depois de alguns minutos de aflição por parte da cabra – também por parte de minha tia, avó, Gleiza e dos que estavam fazendo o parto ou prestando auxílio, como eu – finalmente conseguiram tirar o cabrito, já morto. Após isso, Paulinho e Evandro foram enterrá-lo.

Apesar da aflição e da “*peleja*” que deram os tons do cenário do parto, sua construção, assim como a construção do cabrito que nascera morto, nunca esteve dada em um determinado momento. O cruzamento entre o bode e a cabra não foram os acontecimentos suficientes para que um cabrito pudesse vir a existir. A “*peleja*” com aquela cabra e com

seu cabrito vinha reunindo há muito tempo, sacrifício, suor, dor, envelhecimento por parte de outras *criaturas*, entre elas, minha avó, que denunciava suas “*criações*” como causas de suas dores nas pernas, de seu cansaço. O destino trágico do cabrito poderia ter sido definido quando do desejo não satisfeito de sua mãe por milho. E minha avó tinha o maior cuidado com isso. De um lado, o milho era escasso, de outro, o desejo das cabras por ele parecia ilimitado. Era preciso evitar que a cabra caísse em desejo pelo milho, se estivesse grávida:

- É meu filho, a gente tem que ter cuidado com esses sacos de milho – disse-me minha avó certa ocasião em que estava colocando as cabras no curral – se elas desejarem o milho e a gente não der, elas perdem a cria, e teu avô faz uma pena danada desses milhos...

Para além do cuidado com os desejos das cabras grávidas, as *criaturas* demandavam a todo momento muita “*peleja*” – termo usado pelos moradores do Góes para se referirem a todo e qualquer esforço e trabalho dedicado às “*criações*”, aos legumes e a outros seres. “*Pelejar*” significava nada mais que envelhecer; doar a própria vida a uma ou outra *criatura*.

A *peleja* também era muito presente no plantio de legumes, tais como feijão, milho e jerimum. Ora, não bastava um bom inverno para uma boa colheita. Meu avô costumava-me dizer que quando falta “*vitamina*” para o feijão, seja pela escassez dela na terra, seja pela ação de alguma “*mosca*” ou “*borboleta*” que chupa a vitamina, “o feijão nasce ruim”. Além disso, não se podia plantar de qualquer jeito. Era preciso ter em mente a quantidade certa de semente de feijão a ser posta em cada cova, assim como, a correta divisão e distribuição das “*carreiras*” de feijão e milho. No que diz respeito a essa distribuição das *carreiras* de legumes, prática também observada em outros lugares de roças no Brasil, como entre os camponeses da Baixada Cuiabana-MT (ALMEIDA, 2005), ela tinha como objetivo principal a cooperação entre os legumes plantados e a minimização das possíveis “*perseguições*” que poderiam sofrer.

No entanto, nada dessa *peleja* seria suficiente para um “feijão bom”. Mesmo com as observâncias das práticas de plantio, mesmo que Deus fizesse chover, não poderia haver *peleja* que fizesse a terra dar a quantidade certa de vitamina ao feijão e este nascer saudável, caso as borboletas e as moscas sugassem a vitamina das bajens.

Com efeito, no caso do plantio e da colheita do feijão, vemos que a *peleja* está pondo em relação a chuva, a vitamina da terra, a borboleta, as moscas e as pessoas que plantam o feijão. São *criaturas* que extrapolam e muito personagens como o homem, Deus e a terra, já apontados em outros estudos sobre camponeses no Brasil como o de Ellen Woortmann (2009). Além disso, como vimos, até que Deus tenha permitido que a chuva existisse, no caso

do Góes, até que meus avós chegassem a um acordo sobre a quantidade de sementes que cada cova deveria receber, até que o solo fornecesse vitamina aos legumes, foram necessárias várias negociações entre *criaturas*, não necessariamente feitas em harmonia ou obedecendo a algum critério de imposto por uma ou outra dessas *criaturas*, de maneira determinante.

* * *

Apesar das exigências das *criaturas* para se manterem vivas e saudáveis não serem supridas em sua totalidade pelos homens e mulheres que se desgastam diariamente na criação de uma ou outra cabra; no cultivo de um ou outro legume, eles têm nisso um importante papel, pois atendem (ou ao menos tentam) boa parte das exigências de, por exemplo, uma cabra para que ela dê uma “*cria*” saudável. Não obstante, tal papel é muito sensível e apenas com dificuldade está sob controle de *criadores*, tais como meus avós.

Com efeito, a quantidade e a variedade dos recursos demandados pelas *criaturas* para que se mantenham vivas e saudáveis, assim como a quantidade e o tipo de “*peleja*” dos moradores do Góes para que esses recursos não faltem, é grandemente influenciada pela passagem das estações, que são duas: inverno e verão.

O efeito da passagem das estações sobre o estilo de vida em um ambiente de convívio já é velho conhecido da literatura antropológica, como podemos constatar no trabalho de Evans-Pritchard ([1940] 2002) sobre os *Nuer*. No entanto, no ambiente que compreende o Góes e comunidades rurais vizinhas, a passagem das estações, além de definir atividades e relações das pessoas entre si ou com a terra e seus animais de criação, também marca o destino de *criaturas*, a depender se elas nascem no inverno ou no verão.

O Góes está localizado em uma região do sertão cearense em que o verão implica, para seus moradores, em uma preparação para o inverno, de maneira que nesse período se possa obter muito dos recursos necessários para o sustento anual, desde água até alimentação. Enquanto estive em campo, não deixei de tomar parte em uma série de atividades referentes à preparação para o verão seco e escasso. Uma vez ou outra, apanhei legumes com tia Maria, ou com outros parentes como tios e primos, debulhei feijão com meu avô, cortei o mato que invadia alguma plantação de feijão e ainda estoquei carochos de feijão em garrafas PET, auxiliando minha avó, para serem comidos aos poucos durante o verão que chegaria em alguns dias.

No que diz respeito a uma ou outra “*criação*” e a qualquer “*bicho do mato*” - como são chamados pelos moradores do Góes os camaleões, as borboletas e algumas espécies de pássaros, cobras, preás e raposas - a passagem das estações também interfere em seu

comportamento, o que gera efeitos em várias atividades desempenhadas pelos moradores. Segundo meu avô falou-me enquanto conversávamos no alpendre de sua casa, já no final de uma das tardes em que fiquei no Góes, o camaleão, durante o verão, por falta de abundância de mato com o qual se alimentar, muito rapidamente come qualquer ramo de folha, de qualquer legume que se tente plantar nesse período: *“Não tem outra coisa para comerem! Agora, no inverno, que cria forragem, mato verde, aí é melhor [para plantar] porque os bichos se alimentam do mato.”*

Além do camaleão, a borboleta e suas lagartas predominam no verão, o que dificultaria qualquer tentativa de plantio de legumes nessa época. Podemos citar ainda a mosca como bicho prejudicial, elemento de incômodo e de imposição de dificuldades à vida, e à troca dela. Como os moradores do Góes costumam dizer, são tais bichos (além de doenças) *“perseguições”*.

Como disse, o período que compreende o verão não é determinante apenas para a presença ou não de certos comportamentos, exigências e certos tipos de *“peleja”*. Para além disso, é capaz de marcar a vida de um ser vivo. Segundo minha avó costumava-me dizer - enquanto alimentava ou tratava alguma doença de alguma de suas *“criações”* - um pinto que nasce no verão, será um frango mais fraco. Tal frango nascido no verão será mais suscetível a doenças como o *“vento”*, enfermidade que se caracteriza pela presença de vento entre o couro e o músculo de um frango ou galinha. Portanto, é muito mais difícil lidar com *“criações”* que tenham nascido no verão, uma vez que ela demanda maior atenção e cuidados durante toda sua vida. Serão criaturas mais *perseguidas*.

* * *

“É muito bicho para perseguir”, disse uma vez meu avô, enquanto conversava comigo, já na entrada da noite, debulhando bajens de feijão, enquanto enumerava os animais que perseguiam os legumes: *“Tem também os passarinhos, as borboletas e as lagartas”*. Estávamos naquela lenta e tediosa atividade de debulhar feijão há quase uma hora. Sentados em cadeiras de tira, debulhávamos as bajens secas de feijão e estes caíam em uma grande cabaça, apoiada sobre as pernas de meu avô. As bajens secas iam se acumulando ao lado do saco de feijão e depois seriam juntadas em um saco para serem entregues às cabras ou a algum outro animal.

- Antigamente, eu plantava arroz, mas a gente andou perdendo por causa da chuva... Arroz é tardão, é trabalhoso... O passarinho persegue demais... o Golinha, o sabacu... Eles debulham o arroz e comem o caroço.

- É... esses bichos são danados – eu disse.

- Ora, o lavrador trabalha para um bocado de bicho. Além dos de casa, também têm os do mato... Têm os preás, os pebas...

Logo após isso, meu avô levantou-se e foi juntar as bajens debulhadas em um saco de de silagem, aqueles usados muito comumente em feiras-livres do interior do Ceará para armazenar farinha ou feijão.

Não obstante, as *perseguições* não são feitas apenas por certos bichos. Suas maiores representantes são as enfermidades. Em alguns casos, um bicho é tão *perseguido* pelas doenças que ele acaba deixando de existir em um ambiente de convívio com outras criaturas. Esse foi o caso de alguns perus que minha avó tinha. Certa tarde, sentada em uma cadeira, na cozinha de sua casa, minha avó lembrou-se de pôr remédio para suas galinhas. Assim, começamos a conversar sobre sua criação de galos e galinhas. Finalmente, perguntei-a:

- E você não cria peru por quê, vó?

- É porque dá trabalho e é muito perseguido pelas doenças.

O rol de enfermidades *perseguidoras* dos animais, contados por meus avós em várias conversas que tivemos, é bem extenso. Há infecções que podem dar em partes diferentes do corpo das cabras, como em seu peito. As galinhas estão sujeitas a ter “gogo”, ou seja, catarro na garganta. Um frango pode sofrer de “vento”. As galinhas também podem contrair verme. As cabras podem ter reações alérgicas por comer alguma planta do mato, como certa vez em que várias cabras de minha avó apareceram com a boca cheia de “papocas”. Para tratar dessas e outras doenças, meus avós utilizam-se - além de alguns procedimentos cirúrgicos feitos por minha avó - de dois tipos de remédios: remédios da farmácia e remédios do mato. Entre os remédios do mato, pode-se citar: rapa de aroeira para vacas e cabras feridas, com infecções ou no pós-parto. Além disso, há o *pau d’arco*, o *marmeleiro*, o *mufumbo* – este último usado para tratar de inflamações diversas. Há ainda a *amburana*, *babosa* e preparos chamados de *garrafadas*.

No que diz respeito aos remédios da farmácia, há a *tetraciclina*, *terramicina* e alguns antibióticos diversos. Muitos desses remédios, principalmente os do mato, são usados também para tratar enfermidades dos seres humanos ou “da gente”, como dizia minha avó. E alguns deles, como as *garrafadas*, ainda podem ser encontrados em algumas “vendas” de cidades do sertão cearense.

Não nos alongaremos aqui no tema dos remédios usados para o tratamento das *perseguições*. Seriam necessárias muitas páginas e pesquisas mais aprofundadas sobre tal assunto. De qualquer forma, nos basta tê-las em vista no quadro das *perseguições* que

dificultam a já difícil *negociação* entre os moradores do Góes, suas criações, legumes, e bichos do mato tais como alguns que já citamos aqui.

De fato, é preciso *negociar* com os bichos. Minha avó vivia reclamando de uma de suas galinhas que, em vez de chocar seus ovos, os bebia. Outras, simplesmente abandonavam seus ovos. Segundo minha avó, certa vez ela teve que raspar o bico de uma galinha, para que ela parasse de furar seus ovos. Esses “bichos brutos”, como meus avós os chamavam, quase nunca se submetiam a vontade deles. Quase sempre que meu avô falava de suas cabras, ele as taxava de “danadas e desobedientes”. Já a tia Maria, tinha o maior cuidado para não deixar sua porca entrar em seu quintal, caso contrário, a tal porca comeria tudo o que encontrasse pela frente. Com efeito, essa atmosfera de conflito entre *criaturas* era predominante, enquanto estive na casa de meus avós. As cabras estavam a todo momento prestes a derrubar a cerca, entrar em casa (coisa estritamente proibida a elas por meus avós), subir no peitoril do alpendre ou na frágil cisterna recém-construída. Elas ainda poderiam a qualquer momento invadir o quintal em momento impróprio, sujar o terreiro da casa, ir para a estrada e serem atropeladas por carros ou motos etc. Isso para não citar as negociações com as galinhas, as vacas, os legumes, os passarinhos que comem os legumes, assim como os camaleões e, claro, com os moradores vizinhos.

Mas o que negociavam precisamente? Principalmente, vida. Vida ia e vinha através daquelas *criaturas*. Era a vida a *dádiva*² maior; seu conteúdo. Um conteúdo tão importante, para a definição do convívio e, portanto, das trocas entre as *criaturas*, quanto o próprio ato da troca³.

Diante disso, pode-se afirmar que entre os moradores do Góes, suas “*criações*” e legumes, o vínculo que os mantém juntos é a transmissão da vida, um bem móvel em si, recebido e retribuído em um *fluxo de trocas*. Qualquer animal, planta ou outro ser vivo que, de alguma forma, tivesse sua existência dada e marcada por tal fluxo de trocas, inevitavelmente contribuía para sua manutenção. Legumes forneciam milho, mas não sem terem sugado a “*vitamina da terra*”. Na casa de meus avós, duas vacas leiteiras forneciam leite diariamente, mas não sem terem comido e bebido o suficiente. As galinhas de minha avó forneciam ovos e frangos. E estes forneciam sua própria carne. Por outro lado, elas comiam diariamente porções de milho, distribuídos por minha própria avó, ou por

² MAUSS ([1925] 2003).

³ Segundo Lévi-Strauss ([1949] 1982), em um Sistema de Reciprocidade, “[...] aquilo que tem importância é a troca e não as coisas trocadas”. (LEVI-STRAUSS, [1949] 1982: 178). Como veremos, estamos em desacordo com tal princípio.

algum tio ou tia que vinha visitar meus avós, no começo e no final do dia. As cabras forneciam cabritos, enquanto comiam matos, sabugos de milho, bajens de feijão e bebiam água. A porca comia milho e “lavagem”, enquanto poderia fornecer carne e bacorinhos. Já meus avós, forneceram toda uma vida de dedicação a várias gerações de todos esses animais e legumes, mas não sem deles terem se alimentado. Assim, apesar das diferentes formas que esses bens assumiam, eram todos vidas que se esvaíam em uns, para alimentar outros.

Uma das características que mais me chamou atenção nesse fluxo de trocas ou, como prefiro chamá-lo, nesse *fluxo de vida*, é que ele engloba diferentes formas de existência, que extrapolam aquela que usualmente chamamos de ser-humano. Além disso, apesar de meus avós procurarem organizar o aprovisionamento e distribuição dos bens que circulam no *fluxo de vida* do qual tiram sua existência, as demais *criaturas* que dele participam não necessariamente atuam de forma passiva com relação a isso. Uma cabra tem seu tempo de pastagem definido não simplesmente pelo desejo de seus “criadores”. Além disso, apesar destes terem importante participação na manutenção da vida de uma cabra, não são os únicos que tomam parte em sua criação. Por conseguinte, não há entre os moradores do Góes, “criações” e legumes, uma divisão drástica, de maneira que, os primeiros apenas colham os recursos fornecidos seja por “criações”, seja por legumes. Cada *criatura* doa e colhe (negocia) um pouco de vida com as demais. Assim, toda vida que circula entre elas é uma porção de vida negociada.

2. A COMUNICAÇÃO ENTRE CRIATURAS.

Algumas das cabras de minha avó davam muito trabalho em seu pós-parto, tanto por serem mais suscetíveis a enfermidades, quanto no que diz respeito a sua relação com suas crias. Algumas chegavam ao ponto de *enjeitar* seus filhotes, ou seja, de não os reconhecer como crias. Já em outros casos, não queriam os amamentar.

Certa vez, pouco antes das cinco da tarde, minha avó e eu estávamos no curral das cabras. Isso porque ela tinha me chamado para ajudá-la a fazer alguns cabritinhos recém-nascidos mamarem no peito de uma cabra, mãe deles. Os peitos estavam feridos porque, segundo minha avó, a cabra tinha os ralado no arame de alguma cerca. Devido ao ferimento, a cabra não queria deixar que seus filhotes mamassem, e, sendo assim, minha avó estava com medo deles não conseguirem sobreviver, já que não estavam tomando o leite materno.

Não foi fácil fazer com que a cabra deixasse que seus filhotes bebessem. Apesar dela ter sido amarrada à cerca pelo pescoço, eu precisava ficar com uma mão em cada um de seus

chifres, imobilizando qualquer movimento que a cabra quisesse fazer com sua cabeça. Além disso, com uma de minhas pernas, eu a pressionava contra a cerca que dava o contorno ao curral. Minha avó, sentada em um pequeno banco de madeira, com assento de couro de cabra, segurava a boca de um dos cabritos e a encostava contra um dos peitos da cabra. Ela permanecia nessa mesma posição, um tanto desconfortável, ainda mais para uma pessoa da idade dela: sentada no pequeno banco, agarrando, com os dois primeiros dedos de um dos pés, a perna da cabra, de maneira a deixá-la numa posição fixa. Com uma mão, empurrava e mantinha a boca do pequeno cabrito encostada em um dos peitos da cabra, com a outra, uma hora segurava o corpo do cabrito, para mantê-lo numa posição firme, outra hora agarrava nos espinhaços da cabra, o apertando, e, em outros momentos, alisava a barriga da cabra, para que ela se acalmasse.

- É para eu segurar? – Perguntei .

- Segura aqui, Nathan. É só um óleozinho que eu vou botar. – Nesse momento, minha avó abriu um pequeno frasco e dele derramou-se sobre sua mão uma substância dourada e oleosa.

- É banha de galinha?

- É não, é da banha que a Valdete [uma de minhas tias] manda lá da... do Pará, não sei de onde, para passar nas dores.

- Parece que estão fraquinhos... – comentei, ao perceber que os cabritos estavam magros e com certa dificuldade de se manterem firmes sobre as pernas.

- É porque nasceram ontem, homem. Estes daí...

Depois de alguns minutos nessa *peleja*, minha avó comentou, agarrando um cabrito que estava perto, deitado:

- Esse aqui foi o que não mamou! Agora, você segura nos chifres da cabra, que é pra eu terminar de dar de mamar para os cabritos, porque a cabra não quer deixar. Os bichinhos estão mortos de fome! Vai comer é isso aqui! Tem que segurar no pé dela...

Minha avó estava visivelmente aflita. O ato dos cabritos beberem ou não o leite poderia significar a eles nada menos que a morte.

- O bichinho ‘tá morto de fome, ela não deixa não, mamar – disse minha avó, quase desistindo de fazê-lo mamar.

Finalmente e felizmente, o cabrito começou a mamar, e enquanto mamava, por vezes, minha avó fazia um som com sua boca. Ao que me pareceu, estava tentando fazer o barulho que o cabrito fazia com a boca, por mamar o leite. Ao longe, eu ouvia a tia Maria fazer o som característico para se comunicar com suas cabras.

Além de alguns sons que fazia com a boca, minha avó falava algumas vezes, algumas palavras que eu não conseguia entender, no entanto, o tom de voz era característico de alguém

que adula uma pessoa. De qualquer forma, algumas palavras consegui discernir, tais como, *nega velha*:

- Nega ve... lha, ê... nega ve... lha – repetia minha avó, referindo-se a cabra, com um acento de voz que era um misto de satisfação e incentivo, com um acento quase musical.

Quando minha avó finalmente terminou de ajudar o cabrito a mamar, eu perguntei a ela se um outro cabrito, que estava por perto, também não mamaria. Ela disse que não, pois a mãe dele era outra.

- Cansou, Nathan, o bichinho de tanto mamar... Olha o tamanho desse bucho! Esse aqui vai ser o Padre Siqueira...

Logo em seguida, minha avó ficou se admirando com o cabrito de barriga cheia. Ela parecia estar muito satisfeita, talvez mais do que o próprio animal. Além disso, ela me pediu para pegar na barriga do animal, para que eu percebesse como a barriga dele estava cheia de leite. Alguns minutos depois, já de pé, minha avó disse que deixaria a cabra amarrada, para que ela ficasse sempre no mesmo lugar, junto com os cabritos, para saber que eles eram os filhos dela. Assim, saímos do curral. Faltava ainda dar comida à porca, que já estava exigindo, com seus berros característicos, sua cota diária de *lavagem*.

Tanto a tal cabra, quanto seus cabritos, entre eles, *Padre Siqueira*, assim como outras *criações* como bacorinhos e galinhas comunicam fome, enfermidades, necessidades e predisposição a dar mais ou menos de sua própria vida às *criaturas* com quem convivem. Nem o ato do cruzamento entre a cabra e um bode foram eventos suficientes para que o cabrito viesse a existir, nem o evento do nascimento do cabrito foi determinante para que sua mãe o reconhecesse como filho. Em um ou noutro caso, um *fluxo de trocas, de comunicação* foi necessário, possibilitou uma relação. Se tudo ocorrer bem, o *Padre Siqueira* finalmente terá uma mãe, e não necessariamente a cabra quem o pariu.

Meu avó, minha avó, tia Maria e outros parentes meus que vivem no Góes se comunicam de forma intensa e diversa, seja com suas “*criações*”, seja com os “*bichos do mato*”, sendo a comunicação verbal apenas uma pequena parcela das diferentes estratégias de comunicação usadas por essas *criaturas*. Todavia, no que se refere à comunicação propriamente verbal, observa-se algo semelhante ao que Eduardo Khon (2007) chama de “*transspecies pidgin*”, isto é, uma forma de comunicação caracterizada por uma estrutura gramatical bastante reduzida, dotada de frases curtas que apresentam poucos indicadores de pessoas gramaticais não totalmente flexionadas.

Podemos observar esse tipo de comunicação quando minha avó, em um final de tarde qualquer, alimenta alguns bacorinhos. Para sinalizar a hora da refeição, ela fala, “*nego, nego, nego...*”. Quando é a vez dos capotes (galinhas da angola) serem alimentados, ela diz: “*chega,*

capotinho, chega, capotinho”, e as galinhas, por sua vez, sabem que sua cota diária de milho será distribuída quando ouvem: “*chi, chi, chi...*”. Assim, elas surgem de onde menos se poderia esperar.

Com efeito, a grande parcela da comunicação entre meus avós e suas “*criações*” era feita através de atos que diziam respeito à alimentação e ao tratamento de enfermidades. Além disso, os tratamentos e o regime de alimentação eram relativos a cada tipo de *criatura*, como cabras e porcos, ou a uma *criatura* em específico. Tal regime baseava-se muito mais na quantidade de comida do que em seu tipo, já que, o mesmo milho era dado a pintos, frangos, galinhas, cabritos, cabras, bacorinhos e porcos. Há galinhas mais famintas que outras; há bodes que comem menos que outros. Uma galinha em particular, segundo minha avó, comia muito: “*ela tá muito gorda a pobre... Até os bichos tem alguns que são exagerados...*”.

Normalmente, todos esses bichos pareciam sempre estar com fome, pois a qualquer momento que se lhes oferecesse comida, eles não a recusavam, sendo que a falta de apetite poderia ser interpretada, por parte dos meus avós, como sinal de alguma doença. A falta de fome não era, no entanto, o único sinal de enfermidade. Outras mudanças no comportamento, sinais fisiológicos e estéticos também poderiam comunicar um ou outro tipo de doença. Um pinto que ficava “*feio*” e com a “*asa baixa*” poderia estar comendo fezes de vaca ou de porcos. Uma galinha com catarro provavelmente teria “*gogo*”, já uma cabra que, tendo cabritos, não dava leite, poderia estar sofrendo com alguma infecção.

Se enganaria quem pensasse que a comunicação e o que é comunicado entre essas *criaturas* está, por algum motivo, previsto ou dado. Além disso, seria um erro desconsiderar as mudanças ocasionadas na existência de um cabrito, por exemplo, em relação às mudanças no *fluxo* que o mantém vivo. Meus avós e suas *criações* nos levam a perceber que suas existências não estão dadas em uma estrutura de relações, através da qual se comunicam. Assim, se quisermos acompanhar as relações que travam entre si cotidianamente, precisamos nos afastar de teorias como a de Lévi-Strauss ([1945] 2003), que afirmam a existência de estruturas de comunicação entre grupos e pessoas, sendo que, os sentidos, em outras palavras, as existências de tais pessoas estariam marcadas em sua posição em uma tal estrutura de comunicação, de vai e vem de coisas.

Entendemos, ou melhor, meus avós e suas *criaturas* nos fazem entender que o sentido, ou seja, a existência, não é dada em posições em um sistema de comunicação, ou seja, simbólico. Além disso, não nos seria suficiente atentarmos para as relações simplesmente, vendo nelas as construções dos sentidos, das existências. Precisamos também nos atentar, isso sim, nos ajustes, nas *negociações* que levam às relações, assim como as modificam.

* * *

Na casa de meus avós, todo cabrito é resultado, isto é, sua existência não se encontra nele mesmo, sendo sempre doada. Para que ele nasça e se mantenha saudável, um *fluxo de vida* corre através dele, dando-lhe existência, enquanto ele próprio contribui para a existência de outras *criaturas*. Quando esse fluxo, por algum motivo, se modifica - devido a alguma doença, a um inverno pouco chuvoso, a um verão muito escasso, a ameaças de *bichos do mato*, ou por causa de outro tipo de “*perseguição*” - então o cabrito tende a modificar-se, ou seja, é ressignificado.

No caso de uma cabra, o simples fato dela ser uma cabra, não é suficiente para determinar um conjunto de trocas entre elas e outras *criaturas*. Isso é apenas esperado. Espera-se que ela forneça cabritos, que ela tenha certo apetite por milho e que demande certos cuidados. No entanto, não é certo que ela dê cabritos, que ela realmente se sinta satisfeita com uma cota específica de milho ou que será alvo de tal ou qual doença. Tudo isto será ou não construído de uma forma ou de outra, após negociações entre ela e outras *criaturas*.

Uma ou outra *criatura* pode ganhar um significado particular, diferenciando-se das demais de sua espécie. Em casos assim, em que animais de *criação* recebem nomes específicos, estes não são dados *atoa*, como observa VELDEN (2003), na prática de onomástica dos animais de criação entre os *Karitiana*. Tais nomes são importantes aspectos de relações sociais travadas entre criadores e suas criações, possuindo funções classificatórias. Podemos ilustrar isso com o caso da “*bondosa*”, uma cabra de minha avó que exigia uma “*peleja*” específica para se manter viva e doar vida a outras *criaturas*.

Diariamente, era preciso ir até uma torneira que ficava no quintal, pôr um balde debaixo dela e deixar que ele se enchesse de água. Como se não bastasse a espera para que esse balde se enchesse, era preciso, em seguida, pôr mais um. Enquanto estava na casa de meus avós, minha avó quase sempre me pedia para fazer isso. Sempre imaginei que os dois baldes eram necessárias porque um apenas não seria suficiente para todas as cabras de minha avó beberem, no entanto, não era bem assim. Certa vez, observei que uma das cabras estava bebendo em um balde separado das outras. Então, perguntei a minha avó sobre o motivo disso:

- Vó, porque essa cabra ‘tá bebendo separada das outras?

- É porque é a bondosa... Ela não bebe sobejo das outras não...

- E não?

- Não... Tu já pensou? Um dia desses, ela ‘tava seca, com a boca seca e aí, eu percebi que ela não bebia junto com as outras. Ela só fazia olhar e saia. Como é que pode? Até os bichos, tem deles que são nojentos...

Outro caso desse tipo pode ser ilustrado com a cabra “*caduca*”. A “*caduca*” era a mais velha cabra de minha avó. Seu andar, um tanto desengonçado, dava a impressão de que ela pulava para os lados enquanto caminhava. E sua pelagem cor mostarda, realçava a velhice lerda, traduzida em seu olhar indiferente, como se nada mais esperasse. As “*crias*” da “*caduca*”, quase incontáveis com o passar dos anos, davam-lhe um prestígio que lhe garantia consideráveis porções diárias de milho. E entre suas regalias, estava a de comer com as galinhas, enquanto todas as demais cabras, já no final da tarde, teriam que esperar o dia seguinte para se fartarem com “*galhos de pau*”. A “*caduca*” tinha uma generosa linha de descendência, como me mostrou certa vez minha avó. Entre seus filhos, netos e bisnetos, poucos vieram a falecer, e quando isso ocorreu, fora por “*desejo*” de uma porção de milho não recebida. “*essa é a caduca*”, dizia-me minha avó, com um sorriso no rosto, “*ôh, cabra véa boa!*”.

Como podemos ver com os exemplos dados acima, a comunicação entre *criaturas* que convivem em um ambiente de trocas ou *fluxo*, e no caso apresentado nesse ensaio, em um *fluxo de vida*, é capaz de significá-las e ressignificá-las. E isso porque essa comunicação é sempre conflituosa. As esperanças de minha avó (concepções acerca de como o mundo se organiza e/ou deve se organizar) com relação a uma cabra como a “*caduca*”, comunicadas a esta através de certos cuidados e cotas diárias de milho, não necessariamente, corresponderão ao que a “*caduca*”, no final das contas, comunicará através de seu comportamento.

Assim, podemos concluir que a comunicação entre meus avós e suas “*criações*”, ao unir em um mesmo *fluxo de vida* modos distintos de existência, é possibilitada por contínuos ajustes, que se dão enquanto essas existências convivem, enquanto continuam a se comunicar e a sustentar o *fluxo de vida* com o qual nutrem sua própria existência. São nesses constantes ajustes ou negociações que criaturas ganham sentidos. Ora, a “*caduca*” não nasceu “*caduca*”.

BIBLIOGRAFIA.

- ALMEIDA, Roberto Alves. (2005): *Do tempo da terra comum ao Espremimento. Estudo sobre a lógica e o saber camponês na Baixada Cuiabana*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília.
- EVANS-PRITCHARD ([1940] 2002): *Os Nuer. Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. 2ª. Coleção Estudos. São Paulo: Editora Perspectiva.
- KHON, Eduardo. (2007): *How dogs dream: amazonian natures and the politics of transspecies engagement*. *American Ethnologist*, Vol. 34, No.1, pp 3-24.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. ([1945] 2003): *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- _____. ([1949] 1982): *Es estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis, Vozes.
- MAUSS, Marcel ([1925] 2008): *Ensaio sobre a dádiva*. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.
- WOORTMANN, Ellen. (2009): *O saber camponês: práticas ecológicas tradicionais e inovações*. In: *Diversidade do campesinato: expressões e categorias*. São Paulo: Ed. Unesp.
- VELDEN, Felipe Ferreira Vander (2003): “A gente chama de qualquer jeito”. *Notas sobre a onomástica dos animais de criação entre os Karitiana, Rondônia*.”. *Revista Antropológicas*, ano 17, volume 24(1).